

## ONDE ESTÃO OS LÍDERES VIRTUAIS?

**Bruno Yuji Kimura de Carvalho** – brunoyk@polo.ufsc.br

Curso de Graduação em Engenharia Mecânica – UFSC

88.040-900 – Florianópolis – SC

**Gabriel Francisco Medeiros Bogo** – gabrielmedeirosbogo@gmail.com

Curso de Graduação em Engenharia Mecânica – UFSC

88.040-900 – Florianópolis – SC

**Walter Antonio Bazzo** – wbazzo@emc.ufsc.br

Departamento de Engenharia Mecânica – CTC – UFSC

Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT)

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica (NEPET)

88.040-900 – Florianópolis – SC

**Luiz Teixeira do Vale Pereira** – teixeiravp@gmail.com

Departamento de Engenharia Mecânica – CTC – UFSC

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica (NEPET)

88.040-900 – Florianópolis – SC

**Resumo:** *A internet vem se mostrando cada vez mais um instrumento revolucionário para mobilização de massas, tanto pela velocidade de transmissão de informação quanto pela popularidade e baixo custo. Entretanto, quem de fato deveria assumir os bastidores dessas manifestações – os universitários, como jovem elite intelectual – parece estar alheio a este potencial de promoção de mudanças. Este artigo apresenta discussões sobre este assunto baseadas na recente experiência acadêmica dos autores.*

**Palavras-chave:** *Internet, Universidade, Acadêmicos, Política, Manifestações sociais.*

### 1 INTRODUÇÃO

O advento da internet foi uma revolução na comunicação por vários aspectos. Primeiramente, quanto à velocidade de transmissão de informação, que hoje beira a instantaneidade. Poucos param para pensar nas consequências dessa evolução, que vai desde a potencialização da ciência, com a maior facilidade de obtenção de estudos científicos, até dimensões macroeconômicas, como a popularização da bolsa de valores através do sistema *home broker*.

John Downing, autor do livro *Mídia Radical Alternativa: Rebelia nas comunicações e manifestações Sociais*, diz, em entrevista à Patrícia Cavalli, da Universidade Federal de Pernambuco, que:

“A situação da grande mídia é um problema bem mais triste agora do que era antes por causa da concentração, que continua, dos proprietários desse tipo de mídia. As grandes companhias globais continuam se fundindo e isso dá medo quanto ao futuro da democracia, porque sem um sistema de mídia aberta e que inclua todas as vozes de uma sociedade é um perigo para a democracia de qualquer país.”

De fato, em um país de dimensões continentais como o Brasil, o total controle dos

veículos de comunicação por um grupo elitista da sociedade impede que a real vontade do povo seja ouvida pelo governo. Nesse aspecto, a internet também se mostra uma revolução, pois criou um ambiente de livre acesso, baixo custo e de elevada eficiência na disseminação de ideias, isentas de parcialidades políticas ou capitalistas.

Atualmente a internet faz parte do cotidiano universitário. Independentemente do grau de desenvolvimento do país, provavelmente a maioria dos alunos das universidades tem acesso à rede. Pode-se afirmar que essa é apenas uma das consequências do processo de globalização que vem ocorrendo nas últimas décadas, proporcionando uma interligação entre as pessoas de modo a oferecer inúmeras possibilidades de interação. Analisando sob esse aspecto, a conclusão lógica seria que a internet conferiria enorme poder aos estudantes de todas as universidades, já que eles poderiam mobilizar um grande grupo de pessoas do seu meio a favor de uma causa comum e assim tentar fazer alguma diferença. No entanto, será que isso realmente acontece?

Visando a tentar dirimir essa dúvida, o presente estudo traça um breve histórico a respeito desse novo meio de comunicação que facilitou e tornou mais veloz a transferência de informações através do mundo. Visa também analisar a forma como que essa tecnologia está sendo usada por grupos ativistas em todas as partes do Globo. Por fim comentamos – e este é o mote principal deste artigo – a situação da internet como agente mobilizador e também reflexivo no meio universitário brasileiro.

## 2 INTERNET E MANIFESTAÇÕES SOCIAIS

A Rede Arpanet foi criada em 1969. Consistia em uma rede que interligava a Universidade da Califórnia, Universidade de Stanford e Universidade de Utah. Esse projeto foi criado pela Agência de Pesquisa em Projetos Avançados (Advanced Research Projects Agency – ARPA) e pertencia ao departamento de defesa dos Estados Unidos. Tratava-se de uma pesquisa voltada a estabelecer superioridade tecnológica em relação à União Soviética e utilizava um sistema novo de transmissão de dados por comutação de pacotes (AZUMA, 2005).

Após a comprovação da eficiência desse tipo de rede, investimentos foram realizados para que uma grande rede global pudesse ser estruturada, na qual computadores pessoais também pudessem ser incluídos, proporcionando uma interligação mundial entre sistemas. A transferência de informações sofreu, assim, uma aceleração nunca vista antes. E esse novo meio apresentava uma grande diferença em relação a outros até então utilizados, pois, além da rápida transmissão de informações, possibilitava o seu envio pelo usuário; ou seja, qualquer pessoa poderia expor suas ideias para o mundo de modo muito mais barato e prático. Essa é, muito provavelmente, a principal característica que faz da internet um meio eficiente e ágil para mobilização política e social.

A internet é, com justa razão, considerada um símbolo de globalização e um meio de disseminar ideias e mover capital em nível global. Além de globalização, a internet representa uma oportunidade, combinada com um desafio para movimentos sociais. Similarmente às inovações tecnológicas anteriores, ela ampliou a comunicação política e a tornou mais fácil. Em termos de aumento de velocidade e alcance de comunicação, ela dá aos novos movimentos o que a imprensa, o sistema postal, o telefone e o fax representaram para os movimentos no longínquo e mais recente passado. (PORTA e MOSCA, 2005)

Essa característica de comunicação de fácil acesso e alta velocidade atraiu ativistas que, por outros meios, não conseguiriam expor suas ideias e criar os movimentos pretendidos. Assim pode-se dizer que diversos movimentos só existem hoje graças a esse novo meio de comunicação.

Para este artigo – onde buscamos entender a interferência desse meio de comunicação nas lidas dos estudantes –, são usadas as definições do dicionário Priberam da língua portuguesa,

segundo o qual uma “manifestação” é uma “demonstração pública dos sentimentos ou ideias dos membros de um partido ou de uma coletividade”, enquanto uma “sociedade” é uma “união de pessoas ligadas por ideias ou por algum interesse comum”. Desse modo, caracterizam-se como manifestações sociais não só os protestos de multidões em praças públicas, geralmente seguidos de pesada repressão policial, mas também fatos como a indignação de empregados em uma empresa, a reivindicação de uma comunidade por saneamento básico ou as sugestões de melhorias, advindas de comunidades estudantis, para as instituições às quais atendem.

No estudo das manifestações sociais fica clara a importância da comunicação para o sucesso do protesto, pelo simples fato de que uma mesma mensagem, clara e sem distorções, deve chegar a toda uma sociedade no menor tempo possível. Segundo PERUZZO (2010, p.2):

“Nessa dinâmica (manifestações sociais), o empoderamento de processos comunicacionais autônomos tem sido percebido como necessidade enquanto canal de expressão na dinâmica de mobilização e organização popular.”

O estado da arte da comunicação no mundo, hoje em dia, permite que informações idôneas e bem intencionadas atinjam com uma enorme velocidade o público ao qual são destinadas, embora envoltas por ruídos informacionais de todos os tipos e fontes. Como consequência, a congregação de indivíduos de ideologias semelhantes ultrapassou escalas mundiais resultando, dentre outros fenômenos, em uma extrema facilidade de planejamento de mobilizações.

Um exemplo claro desse fenômeno pode ser observado na Manifestação 15M (15 de maio) na Espanha. Segundo o *blog* Geografar, o professor Cássio Murilo descreve (GEOGRAFAR, 2011): “A revolta começou com uma convocatória nas redes sociais e internet para repudiar a corrupção endêmica do sistema e a falta de oportunidades para os mais jovens”. O resultado disso foi a mobilização simultânea de 130 mil pessoas em 50 cidades da Espanha a protestar nas principais praças públicas do país (WIKIPEDIA, 2011).

Outro exemplo claro de uma veloz manifestação social de grandes proporções pode ser observado na cidade norte-americana de Grand Rapids, Michigan. Após ser classificada como “moribunda” por uma expressiva revista americana (Newsweek, 2011), a cidade mobilizou uma resposta à altura, gravando um clipe musical da canção *American Pie*, de Don McLean, que envolveu cinco mil pessoas, empresas locais e usou de recursos como efeitos especiais, carros de polícia, caminhões de bombeiros e até um helicóptero (ABCNEWS, 2011). O vídeo foi visto, até o momento, por mais de 3,3 milhões de pessoas em todo o mundo.

Mesmo movimentos políticos acabam aderindo a este tipo de meio para planejar e divulgar. Provavelmente o exemplo mais citado de movimento que utilizou a internet como principal meio de mobilização para preparar uma grande manifestação foi o protesto contra o Acordo Multilateral de Investimentos (AMI), que ocorreu na cidade de Seattle em 1999. Esse evento, que contou com 40 a 100 mil pessoas, teve como participantes desde ecopacifistas a operários norte-americanos, todos contra uma organização que impunha a globalização sem representação (CASTELLS *apud* AZUMA, 2005).

O *The Economist* (11 de dezembro de 1999) fez a seguinte observação em relação aos manifestantes em Seattle (CLARK e THEMUDO, 2005):

O encontro da organização mundial do comércio em Seattle foi interrompido por dúzias de *websites* que alertaram a todos (exceto, pelo que parece, a polícia de Seattle), sobre os protestos que estavam planejados. Novas coalizões podem ser construídas *online*. Grande parte da pré-coalizão de Seattle entre grupos ambientalistas e pessoas, por exemplo, foi feita por *e-mail*.

Nesse contexto, é possível constatar que a internet exerce mais de uma função nas

mobilizações; não apenas divulgar, mas também recrutar, organizar, discutir e até definir responsabilidades entre os envolvidos. Os três eventos supracitados, assim como inúmeros outros que poderiam ser mencionados como exemplos, evidenciam que é possível mobilizar pessoas em pouco tempo através da internet pelo simples fato de que a disseminação da ideia é feita de forma expressiva e eficiente. Isso porque, nesse veículo de comunicação, os receptores da informação podem também, facilmente, se tornar comunicadores ativos e ampliar o volume de divulgação, caso adiram à ideia por meio de *blogs*, *websites* e, principalmente, redes sociais.

É claro que não se pode considerar a internet como a solução para todos os problemas que os movimentos políticos e sociais tinham com comunicação e logística, porque persiste uma grande desigualdade no acesso, já que é preciso ter certo poder aquisitivo para poder usufruir desse meio de comunicação. Ademais, não se pode ignorar a existência, ao lado dos politicamente ativos, de um grupo de usuários da internet que não se interessam por qualquer movimento político ou social. (LAER e AELST, 2010)

### 3 AS MOBILIZAÇÕES VIRTUAIS NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO

No ambiente universitário, a realidade que se verifica é diversa. Por algum motivo, não há grandes movimentações mesmo com o advento da internet. Composto majoritariamente por jovens entre 18 e 22 anos, que supostamente dominam as ferramentas da internet e mídias sociais, são raros os protestos bem elaborados, com alto grau de engajamento e fundamentação teórica e que, principalmente, obtenham resultado. Por exemplo, em 2011 as eleições da plataforma da UNE na UFSC foram anuladas por falta de quórum.

Na UFSC, uma ferramenta de grande potencial para a troca de informações é o Fórum da Graduação. As mensagens enviadas para esse ambiente podem ser endereçadas para a caixa de *emails* de todos os alunos e professores do curso ao qual o Fórum pertence. Trata-se de um veículo de transmissão de informação eficiente e rápido, restrito a um grupo com características e interesses comuns e que atinge todas as escalas hierárquicas desse grupo, independentemente de quem tenha emitido a informação ou do assunto abordado.

Embora apresente um grande potencial para promover mudanças no meio acadêmico, a verdade é que esse fórum é majoritariamente utilizado para transmitir informes de secretaria que, embora de suma importância operacional aos envolvidos no processo, configura uma subutilização da ferramenta.

No segundo semestre de 2010, por exemplo, iniciou-se uma discussão no Fórum da Engenharia Mecânica acerca da relação professor-aluno, suposta por alguns como precária e prejudicial à eficiência do ensino na instituição. Alguns estudantes, indignados com uma série de eventos recentes, decidiram manifestar-se enviando mensagens para todos os participantes de tarefas e obrigações vinculadas ao curso. Em pouco mais de uma semana, a discussão já estava abrangendo todas as fases através de seus alunos, professores e até o coordenador da Engenharia Mecânica.

É de fundamental importância ressaltar o fato de que a indignação que iniciou todo esse movimento era composta, em parte, por opiniões advindas da experiência pessoal dos manifestantes, não refletindo uma real falha sistemática do corpo docente, o que foi constatado após o estudo ou a investigação, assim como os argumentos subsequentes que compuseram a discussão. A intensidade desse movimento se esvaiu em poucas semanas devido à crescente divergência dos tópicos discutidos, à ausência de liderança e fundamentação teórica dos argumentos. Os resultados concretos foram praticamente nulos.

Esse é um exemplo interessante do que ocorre hoje em dia, de maneira específica, no ambiente acadêmico da UFSC. Por similaridade de procedimentos e culturas, tal situação provavelmente pode ser generalizada para outras universidades brasileiras.

A comunicação pode ser considerada eficaz, ao atingir a maior parte dos estudantes e estabelecer uma ponte efetiva com as autoridades políticas do campus. Entretanto, aparenta carecer de uma liderança intelectual nos bastidores. Poderíamos imaginar um impacto altamente positivo advindo das manifestações no Fórum, caso houvesse surgido de um questionamento intelectualmente maduro e através de uma liderança efetiva que alinhasse os alunos para refletir sobre a mesma questão. Com um número razoável de adeptos, que não precisaria superar a casa das dezenas, e a consciência das autoridades das reivindicações expostas, bastaria um simples planejamento virtual para que um protesto pacífico e organizado resultasse em mudanças positivas para a qualidade do curso.

Em 1999, um estudo foi realizado por Nick Crossley em Manchester sobre o ativismo estudantil e o efeito de politização das conexões no campus, no qual ele afirmava que os estudantes atuais são ou podem ser politizados, além de participarem em movimentos e se considerarem pertencentes a certas identidades.

Porém, apesar de seu estudo ter sido feito através de um questionário com mais de 1000 entrevistados, parece apresentar algumas discrepâncias. Por exemplo: se você perguntar a um estudante se ele se considera feminista, anarquista, ambientalista, pacifista, socialista, etc., há grandes chances de ele responder que sim para alguma das opções, mesmo que nunca tenha participado de qualquer manifestação ou que não siga os ideais relacionados a estas “identidades”. Porém, para Crossley, o simples fato de um estudante mencionar em seu estudo que havia participado de algum movimento ou que se encaixava nestas “identidades” já era suficiente para admiti-lo como alguém politizado. Assim, os universitários se consideram ativistas e parte de um grupo que supostamente se movimenta e tenta “mudar o mundo”. Contudo, é certo que poucos realmente participem ativamente de movimentos e atividades para tentar mudar algo.

Essa forma de hipocrisia estudantil continua acontecendo dentro das universidades brasileiras. Muito se escuta de estudantes falando sobre assuntos políticos e sociais, mas essas questões nunca desencadeiam um movimento ou uma manifestação. Tem-se, portanto, que a maioria dos universitários acaba utilizando as redes sociais e os sistemas de comunicação disponíveis na internet apenas para socializar, mesmo cientes de que poderiam utilizar esses meios para melhorar seus cursos, sua universidade ou mesmo a sua comunidade.

#### **4 A EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO DE CRÍTICOS**

Quando se observa o baixo ativismo político e social dos estudantes do Centro Tecnológico (CTC) da UFSC, logo se vê uma clara correlação com o currículo dos cursos de graduação que o compõe. Na Engenharia Mecânica, das disciplinas obrigatórias, há apenas uma cuja ementa aborda a interação entre o ofício do engenheiro e seu impacto político e social; e esta está presente apenas no quarto ano da graduação. E os demais cursos de engenharia também possuem apenas de uma ou duas disciplinas com uma ementa similar à anteriormente citada<sup>1</sup>. Isso significa que os alunos têm poucas oportunidades, dentro do sistema educacional, de refletir sobre esses aspectos que são vitais na formação de um possível líder de manifestação social. E ainda assim, apenas no fim de sua vida acadêmica.

É evidente que isso era de se esperar dos cursos de engenharia, porém, após analisar o currículo da maioria dos cursos da UFSC, pode-se chegar à mesma conclusão. Com exceção dos cursos sociais ou voltados para a área da saúde, todos apresentam poucas disciplinas que enfatizam a influência político-social das profissões desses cursos.

Dessa maneira, observa-se que o atual sistema de ensino superior em geral está evitando

---

<sup>1</sup> Ementa, programa, atividades desenvolvidas e procedimentos atitudinais da disciplina **Tecnologia & Desenvolvimento** podem ser conferidos em [www.nepet.ufsc.br](http://www.nepet.ufsc.br).

que uma geração de líderes comunicadores, que dominam as ferramentas virtuais de comunicação proporcionadas pela internet, propague ideais promissores pelo simples fato de elas não existirem. Em outras palavras, parece haver uma via de comunicação rápida e eficiente entre emissores e receptores de informação no meio acadêmico, mas faltam ideias para percorrer essa via.

Além disso, parece que a ausência de uma formação de cunho crítico no atual sistema educacional não só evita que líderes sociais se desenvolvam, mas também inibe o desenvolvimento de uma massa crítica atuante que gere a cultura dos novos procedimentos atitudinais junto aos estudantes. As poucas manifestações observadas no CTC da UFSC, e mesmo as manifestações na universidade como um todo, contam com pouca participação estudantil, pois eles parecem ser indiferentes às causas ou estão sempre envolvidos em demasia com a alta carga curricular que os sobrecarrega com as tarefas rotineiras, deixando pouco ou quase nenhum tempo para atividades também de alta responsabilidade social e cognitiva. De fato, não se pode esperar que pessoas sem uma postura definida em relação a uma determinada questão, por nunca terem sido incitados a refletir sobre ela, venham a abraçar sua causa do dia para a noite.

A emergência de movimentos estudantis muito ativos geralmente coincide com um maior aumento geral no nível de disputa política nas sociedades a partir dos quais esses movimentos surgem. Isso pode nos levar a pensar que *campi* só apresentam um efeito politizado nesses períodos. (TARROW *apud* CROSSLEY, 2007)

Mas vale lembrar que quando a sociedade não se encontra dentro desses períodos não significa que não há qualquer movimentação política e/ou social nas universidades. Simplesmente ocorre uma amenização nesses movimentos. Mas isso não justifica o conformismo ou a indiferença vivenciados nas universidades atualmente.

É claro que uma mudança já pode ser iniciada, principalmente com a promoção de discussões, em aula, feitas pelos professores sobre os direitos e deveres políticos e sociais dos alunos, tanto como profissionais de suas áreas como também como cidadãos, o que pode ser feito independentemente da matéria trabalhada. Basta, para tanto, a iniciativa dos próprios professores em explicitar as correlações entre o assunto lecionado e seu impacto sociopolítico. Isso, ao menos, incitaria os estudantes a refletir constantemente em seu período acadêmico, desenvolvendo a pró-atividade política e social, cuja ausência torna a internet um mero instrumento lúdico para os jovens.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado na experiência acadêmica dos autores, o que se observa na comunidade universitária da UFSC é uma clara apatia sistemática dos estudantes quanto aos problemas vizinhos que os afetam. Isso acarreta a subutilização de seu potencial de promoção de mudanças, como elite intelectual do país que dispõe de instrumentos de comunicação altamente apropriados para o planejamento e a divulgação de movimentos.

A mais provável solução – ao menos parcial – para esse problema poderia ser uma reformulação do currículo dos cursos lecionados nas universidades, aumentando o enfoque nos direitos e deveres políticos e sociais dos universitários e de suas futuras profissões. Desse modo, os graduandos poderiam entender seu potencial como cidadãos capazes de mudar a sociedade e também compreender que deles também deve partir a iniciativa para transformações sociais, já que possuem todos os instrumentos que permitem promover essas mudanças.

A realidade que se verifica é que, além da completa falta de interesse em assuntos políticos e sociais por parte dos jovens universitários, também há o desconhecimento de sua capacidade de encabeçar movimentos que poderiam sanar diversos dos problemas enfrentados

tanto pela sociedade universitária, quanto pela comunidade como um todo.

Por fim, conclui-se que atualmente todos os instrumentos para a promoção de mudanças estão disponíveis para os universitários. Com a internet como um sistema de comunicação com alcance global e ferramenta capaz de mobilizar grandes massas, associada à criatividade e à mente aberta dos estudantes, falta apenas um pequeno estímulo para que eles percebam as inúmeras possibilidades e o inimaginável potencial de promoção de mudanças na sociedade.

## 6 REFERÊNCIAS

ABCNEWS. Grand Rapids, Michigan, Stands Up to Newsweek “Dying City” Snub With Music Video. Acesso em 26 de junho, 2011. Disponível em: <http://abcnews.go.com/US/grand-rapids-michigan-stands-newsweek-dying-city-snub/story?id=13753012>.

AZUMA, E. Considerações Iniciais Sobre a Internet e o seu uso como Instrumento de Defesa dos Direitos Humanos, Mobilização Política e Social. *Revista da Faculdade de Direito da UFPR*, América do Norte, 43, jan. 2007. Acesso em: 28 de junho de 2011. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/view/6995/4973>.

CLARK, D.; THEMUDO, N. Linking the web and the street: Internetbased “dotcauses” and the “anti-globalization” movement. *World Development*, vol.34(1), p.50-74, 2006.

CROSSLEY, Nick. *Social networks and student activism: on the politicising effect of campus connections*. University of Manchester, 2007.

DELLA PORTA, D.; MOSCA, L. Global-net for global movements? A network of networks for a movement of movements. *Journal of Public Policy*, 25(1), p.165-190, 2005.

Entrevista com John Downing. *Revista FAMECOS*, nº38. Abril de 2009, p.9. Acesso em: 27 de junho, 2011. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/viewFile/5759/5140>.

NEWSWEEK. American dying cities. Acesso em: 26 de junho, 2011. Disponível em: <http://www.newsweek.com/2011/01/21/america-s-dying-cities.html>.

PERUZZO, Cecília M. Krohling. *A Comunicação nos Movimentos Sociais: exercício de um direito humano*. Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

WIKIPEDIA. Movimento de indignados 15-M. Acesso em: 27 de Junho, 2011. Disponível em: [http://es.wikipedia.org/wiki/Movimiento\\_de\\_indignados\\_15-M](http://es.wikipedia.org/wiki/Movimiento_de_indignados_15-M).

## WHERE ARE THE VIRTUAL LEADERS?

**Abstract:** *Internet has been proving itself a revolutionary tool for mass mobilization due to its information transmission velocity, popularity and low cost. However, who was actually supposed to be behind these mobilizations – the academics – as the young intellectual elite, seem to be unaware of this great potential of promoting changes. This article presents discussions about this subject based on the recent academic experience of the authors.*

**Keywords:** *Internet, University, Academics, Politics, Social mobilization*